

BUSCANDO EXPLICAÇÕES PARA A DEMANDA POR POPULISTAS

Bruna Rodrigues da Costas Santos(1)

Leony Santiago Araújo(2)

Hudson Macedo Nunes Ludgero(3)

RESUMO: Este artigo analisa o fenômeno do populismo na Europa, com foco no questionamento da ideia de uma “explosão populista” como ameaça direta às democracias liberais. Destaca-se que o populismo é multifacetado, moldado por fatores culturais, econômicos e políticos, e mobilizado de maneira estratégica pelas elites políticas. A análise identifica a ideologia conservadora e o sentimento anti-imigração como motores principais do populismo de direita, embora sua relevância varie conforme o contexto nacional. Contrariando explicações que associam o populismo apenas a crises econômicas, argumenta-se que a percepção de ameaça cultural e o abandono por parte das elites cosmopolitas são centrais para sua ascensão. O artigo também ressalta o papel do discurso populista, que captura o sentimento *antiestablishment*, e o da oferta política, que canaliza essas atitudes em apoio eleitoral. Assim, o populismo emerge como um reflexo das tensões sociopolíticas nas democracias contemporâneas, exigindo análises que integrem demanda popular e estratégias de mobilização política.

Palavras-chave: Populismo, partidos, oferta, demanda

(1) *Graduanda em Ciência Política e Bacharel em Relações Internacionais (UnB)*

(2) *Graduando em Ciência Política (UnB)*

(3) *Bacharel em Ciência Política (UnB)*

INTRODUÇÃO: UMA “ONDA” POPULISTA NA EUROPA?

A percepção de uma “crise da democracia” tem se tornado comum tanto na opinião pública quanto entre cientistas políticos, muitas vezes associada a uma “explosão populista” em várias partes do mundo. No entanto, o populismo, embora visto por muitos como intrinsecamente antidemocrático, não é um fenômeno novo nem necessariamente contrário aos valores democráticos. Bartels (2023), em *The Populist Wave*, explora esse paradoxo e argumenta que o populismo, ao contrário do que é comumente entendido, não se traduz automaticamente em uma ameaça direta à democracia.

Embora figuras como Jair Bolsonaro, Hugo Chávez, Narendra Modi e Donald Trump combinem retórica populista com práticas que desafiam normas democráticas, o populismo em si é um fenômeno multifacetado, cujas implicações variam de acordo com o contexto e a maneira como é mobilizado.

Bartels (2023) observa que, desde 2016, a percepção de uma “onda populista” ganhou tração no Ocidente, particularmente em regiões onde o populismo não era esperado, como na Escandinávia e em outras partes da Europa Ocidental. Eventos como o *Brexit*, a eleição de Trump e o surgimento ou fortalecimento de partidos populistas em países como Alemanha, Suécia, Finlândia, Espanha

e Itália criaram a imagem de um avanço populista que ameaçaria as democracias liberais. Contudo, Bartels (2023) desafia essa interpretação ao sugerir que a “onda populista” é mais uma ilusão, gerada por um foco seletivo em eventos específicos, e que a análise do fenômeno requer um exame mais profundo dos fatores que realmente sustentam o populismo de direita.

Ao investigar as raízes do apoio aos partidos populistas de direita na Europa, Bartels (2023) identifica uma série de fatores sociais, econômicos e políticos. Em primeiro lugar, ele menciona a ideologia conservadora e as visões de mundo associadas a ela, que tendem a priorizar valores tradicionais e a preservar a ordem social estabelecida. Esse conservadorismo, especialmente em questões culturais e morais, é um terreno fértil para o populismo, que geralmente se posiciona como defensor dos “valores do povo” contra uma elite cosmopolita e liberal. Além disso, sentimentos anti-imigração, anti-União Europeia e de desconfiança em relação aos parlamentos e aos políticos são aspectos centrais que moldam o apoio ao populismo.

Esses fatores refletem preocupações amplamente difundidas, mas sua importância varia de país para país. Em alguns contextos, a imigração é um tema central, enquanto, em outros, o descontentamento com a União Europeia (UE) ou com as políticas econômicas adotadas pelos governos nacionais assume maior relevância. De modo geral, contudo, a combinação de ideologia conservadora e sentimentos anti-imigração se destaca como o maior impulsionador do apoio aos partidos populistas de direita na Europa.

Para medir o apoio ao populismo, Bartels (2023) utiliza dados do *European Social Survey* (ESS), um levantamento abrangente que investiga atitudes e comportamentos políticos de cidadãos europeus. Ele analisa tanto o comportamento de voto quanto a identificação partidária, o que lhe permite diferenciar entre apoio eleitoral direto e afinidade ideológica com partidos populistas. Nas eleições entre 2014 e 2019, o apoio eleitoral aos partidos populistas variou de 5% a 20%, dependendo do país. Para entender essa variação, o autor (Bartels, 2023) correlaciona os dados das pesquisas com os resultados eleitorais, encontrando uma forte relação, que sugere uma representação precisa das tendências políticas pela pesquisa.

Além do comportamento de voto, Bartels (2023) examina a identificação partidária, questionando os cidadãos sobre se se sentem próximos de algum partido específico. Cerca de metade dos entrevistados indicou afinidade com algum partido político e, dentro desse grupo, a identificação com partidos populistas de direita variou de 5% a 18%. A análise desses dados revela que os fatores mais influentes no apoio eleitoral e na identificação com partidos populistas são ideologia conservadora e sentimento anti-imigração, embora sua relevância varie de acordo com o contexto nacional.

Por exemplo, o sentimento anti-UE é um fator mais significativo em certos países, enquanto em outros é quase irrelevante. Isso sugere que o apoio ao populismo de direita não pode ser explicado por uma única causa, mas sim por uma convergência de motivações que refletem as especificidades culturais, econômicas e políticas de cada país.

Um dos principais argumentos para explicar a ascensão populista é a percepção de que as elites políticas são irresponsivas às demandas dos cidadãos comuns, servindo mais a interesses próprios ou a agendas distantes das necessidades da população. Nos Estados Unidos, essa desconfiança foi evidenciada pela eleição de Trump, que capitalizou sobre a percepção de que os partidos tradicionais falharam em representar os interesses do “americano comum”. No entanto, Bartels (2023) argumenta que, na Europa, essa relação não é tão evidente.

O autor avalia essa hipótese com base em respostas do ESS, que perguntam aos cidadãos

se eles sentem que têm voz no sistema político e se percebem alguma influência na política de seu país. Embora a insatisfação com a responsividade das elites seja alta em muitos países, Bartels (2023) observa que ela não tem uma correlação significativa com o apoio a partidos populistas. Curiosamente, alguns países com sistemas políticos considerados mais responsivos, como Finlândia, Suíça e Países Baixos, ainda apresentam considerável apoio aos partidos populistas de direita. Isso indica que, embora a desconfiança nas elites seja um tema importante, ela não é determinante para o apoio populista na maioria dos contextos europeus.

Contrariando a ideia de uma “explosão” de apoio ao populismo de direita, Bartels (2023) sugere que o sentimento populista de direita na Europa é relativamente estável e, em alguns casos, até declinante ao longo dos anos. Para comprovar essa estabilidade, ele traça o sentimento populista de direita usando sete fatores-chave: ideologia conservadora, visões de mundo conservadoras, sentimento anti-imigração, sentimento anti-UE, desconfiança política, descontentamento com a democracia e insatisfação econômica.

Esses fatores são combinados para medir o sentimento populista de direita em 23 países europeus ao longo de 15 anos, abrangendo mais de 275.000 entrevistados. Com essa análise, Bartels (2023) conclui que o sentimento populista de direita na Europa não aumentou de forma consistente, mesmo durante períodos de crise, como a crise da zona do euro. Em alguns países, como Noruega e Portugal, que foram fortemente impactados pela crise econômica, o sentimento populista até diminuiu. Esse achado questiona a explicação simplista de que o populismo é uma resposta à crise econômica, indicando que outros fatores – como as condições políticas e culturais específicas – têm um papel mais significativo.

Bartels (2023) sugere que o sucesso recente dos partidos populistas de direita é impulsionado mais pela oferta política do que pela demanda pública. Em outras palavras, a ascensão desses partidos não reflete um aumento no sentimento populista entre os eleitores, mas sim uma mudança na disposição das elites políticas em canalizar essas atitudes em apoio eleitoral. A análise dos dados do ESS revela que, em alguns países, o sentimento populista é alto, mas não se traduz automaticamente em apoio eleitoral aos partidos populistas. Isso sugere que, embora existam atitudes populistas amplamente distribuídas entre a população, essas atitudes nem sempre resultam em votos para partidos populistas, a menos que esses partidos consigam mobilizar estrategicamente esse apoio.

Esse fenômeno pode ser interpretado como uma questão de “reservatório populista” que, embora esteja sempre presente, precisa de um “gatilho” para se manifestar em termos eleitorais. Bartels (2023) argumenta que a “explosão populista” é mais um fenômeno de mobilização estratégica das elites do que uma demanda constante e crescente do público por políticas populistas. Nesse sentido, o populismo na Europa pode ser visto menos como uma resposta às necessidades e preocupações populares e mais como uma estratégia política oportunista, que aproveita certos contextos para canalizar a insatisfação pública.

Uma das observações mais interessantes de Bartels (2023) é o paradoxo de que, mesmo entre eleitores com altas inclinações populistas, nem todos convertem essas atitudes em votos para partidos populistas. Em muitos países, há uma alta prevalência de atitudes populistas, como desconfiança em relação à imigração ou ao poder da UE, mas isso não se traduz necessariamente em um aumento significativo de votos para os partidos populistas.

Bartels (2023) conclui que a relação entre o sentimento populista de direita e o apoio efetivo aos partidos populistas é, na prática, irregular e inconsistente. Mesmo entre eleitores com fortes

inclinações populistas, muitos não convertem esses sentimentos em votos para partidos de direita radical. O cientista político Cas Mudde (2004) observou, anteriormente, que as atitudes populistas radicais podem ser intensas nos eleitorados desses partidos, mas também são disseminadas na população em geral. A conexão entre essas atitudes e o apoio direto aos partidos populistas de direita, portanto, não é perfeita.

A análise sugere que o sucesso dos partidos populistas em determinados contextos depende menos da opinião pública e mais das dinâmicas políticas das elites. A capacidade e a disposição das elites políticas de mobilizar o sentimento populista são cruciais para a ascensão de partidos como Vox, na Espanha e Lega, na Itália. Em sistemas majoritários, como no Reino Unido, partidos como o UKIP têm dificuldades para converter sua base de apoio em representação parlamentar, mas conseguem exercer influência ao pressionar partidos maiores e inserir temas populistas na agenda.

Exemplos recentes, como a ascensão do Vox após a queda do Partido Popular na Espanha e a popularidade de Salvini na Itália, ilustram como partidos populistas se aproveitam de crises nos partidos tradicionais para ganhar espaço. O sucesso populista depende, em grande parte, de “empreendedores políticos” que canalizam e organizam o apoio latente do público. Ainda assim, Bartels observa que, apesar das condições favoráveis, muitos partidos populistas ainda não exploraram todo o seu potencial de apoio, refletindo a capacidade dos partidos tradicionais de cooptar eleitores populistas.

Por fim, Bartels argumenta que as visões alarmistas de uma “explosão populista” ignoram a natureza constante do descontentamento nas democracias. Ele destaca que há sempre um “reservatório” de sentimento populista à disposição, o qual pode ser mobilizado em momentos oportunos. Assim, o risco para a democracia não está apenas no aumento do populismo, mas na possibilidade de que as elites políticas, ao manipular esse descontentamento, utilizem-no para minar a própria estrutura democrática.

CRISE ECONÔMICA EXPLICA A DEMANDA POR POPULISTAS?

Inglehart e Norris (2016) rompem com a linha argumentativa já estabelecida de que a desigualdade econômica e as políticas neoliberais geraram um ressentimento contra a classe política, e defendem que uma ameaça de status sentida pelos setores culturalmente dominantes da sociedade, por conta do crescimento de movimentos progressistas, gerou demanda por alternativas reacionárias. Eles argumentam que a competição clássica entre esquerda e direita econômica deu lugar a uma competição no plano dos costumes entre populistas reacionários e social liberais.

Essa virada, que ocorreu por volta da década de 1970, diz respeito à emergência dos chamados valores pós-materialistas. Estes valores inserem no debate público a ênfase em temas como proteção ambiental, o movimento feminista e demandas por maior participação de minorias na vida política, em detrimento de valores materialistas, como a segurança pública e estabilidade econômica (*WVS Database*, acesso em 7 de nov. de 2024). A partir desse momento, nasce uma oposição eleitoral entre partidos e atores materialistas e pós-materialistas nas sociedades pós-industriais - Europa Ocidental e América do Norte.

Concomitantemente, surgem os partidos verdes (social-liberais) na Europa, prontos para suprir a demanda crescente por pautas pós-materialistas. Lentamente, esses partidos se tornaram os principais representantes da esquerda europeia, superando o programa da esquerda clássica, pautado pelo viés de classe, preocupada com uma política econômica heterodoxa e o conflito redistribu-

butivo.

Essas pautas foram deixadas de lado, o que marca uma inversão de prioridades desses partidos com relação aos que os precederam. O ponto central da esquerda pós-materialista não será mais a classe trabalhadora urbana, e sim a classe média, enquanto as reivindicações da esquerda materialista clássica são abandonadas em favor de posições mais conciliatórias ou, em muitos casos, prontamente neoliberais.

Como os autores expõem, esses partidos só podem ser classificados como uma nova esquerda, uma vez que a esquerda tradicional — materialista — buscava captar eleitores nas classes mais baixas, e seu programa pautava o conflito redistributivo, defendendo medidas como a nacionalização da indústria e a redistribuição de renda. Já a pauta da esquerda pós-materialista apela, principalmente, a eleitores de classe média, dado o seu desinteresse na pauta da esquerda tradicional (Inglehart e Norris, 2016. p. 22)

O fortalecimento desses partidos marca uma queda de popularidade da centro-esquerda entre eleitores de classe social mais baixa, que reverteram seu apoio a partidos populistas de direita que, apesar de manterem uma posição completamente oposta, continuaram a pautar os assuntos materialistas. Isso resultou em casos como as eleições de Richard Nixon, nos Estados Unidos, que mostraram, pela primeira vez, uma preferência dos eleitores com menos educação ao candidato republicano (e populista de direita), ao invés de apoiarem o candidato democrata, como era de costume, o que também ocorreu na eleição de Charles De Gaulle, na França. (Inglehart e Norris, 2016)

Paralelamente, com o crescimento do social-liberalismo cresceu na classe média, criou-se um recorte demográfico geracional importante, em que os eleitores mais jovens têm tendências pós-materialistas mais fortes, com um viés progressista, enquanto as gerações anteriores se mantêm com tendências materialistas e conservadoras. Contudo, os achados mostram que tanto eleitores progressistas quanto conservadores têm, atualmente, uma tendência maior a votar baseando-se em pautas culturais pós-materialistas (Inglehart e Norris, 2016), como se observa na relevância eleitoral de pautas como a imigração, o feminismo e os direitos humanos, o que revela um avanço generalizado de critérios pós-materialistas, inclusive entre os conservadores.

Há um sentimento entre os conservadores de que foram abandonados com o crescimento do social-liberalismo e com o avanço dos direitos de minorias e valores progressistas nas democracias europeias. Este sentimento de abandono levou ao desenvolvimento de posicionamentos como a rejeição aos imigrantes e à União Europeia, com o argumento de que eles estariam “roubando oportunidades” dos “verdadeiros” europeus e, portanto, seriam a causa da deterioração das condições de vida desse grupo (Inglehart e Norris, 2016).

Vale destacar que, em muitos dos casos, não há uma deterioração verificada da qualidade de vida, mas sim, uma percepção de que isso está acontecendo, que é muito bem alimentada pelo discurso populista, que capitaliza esse sentimento para gerar capital político. O populismo reacionário europeu é, portanto, inerentemente nativista, isto é, dependente da defesa de políticas anti-imigratórias, confiando na defesa irrestrita do ‘verdadeiro europeu’ na construção do seu *heartland* (Mudde, 2004)

Inglehart e Norris (2016) rejeitam, portanto, a tese de que a desigualdade econômica teria sido catalisadora da demanda por populistas. Apesar de verificarem um apoio maior a partidos populistas reacionários na Europa, não se viu maior votação para populistas em países com taxas de desemprego mais altas e indicadores econômicos piores (p. 12). Em vez disso, o maior apoio aos

populistas aparece em países que tiveram governos social-liberais, o que teria feito com que os conservadores, principalmente os mais velhos, se sentissem abandonados pelos governos, nutrindo um sentimento reacionário. Além disso, o recorte geracional é particularmente importante, na medida em que atores e partidos populistas sofrem rejeição das gerações mais jovens, que cresceram em meio a esses governos e tendem a ser defensores de valores mais progressistas.

Os líderes dos movimentos populistas de direita dizem ser os únicos e verdadeiros representantes daqueles que se sentiram excluídos pelos governos social-liberais nas democracias europeias, que teriam passado esse grupo para trás. Esse sentimento se torna demanda por populistas, reativamente, à medida em que os líderes desses movimentos são ofertados como representantes dessa parcela da população, e defensores de medidas reacionárias.

PÓS-MATERIALISMO E A LINGUAGEM POPULISTA

Frente à insuficiência da tese de que a ascensão dos populistas se dá por conta de crises econômicas, alguns pesquisadores passaram a buscar no discurso a explicação para o crescimento da demanda por populistas. Ponce (2018) trabalha com a ideia de que, nos últimos anos, estudos apontaram que tanto no Oeste quanto no Leste Europeu, houve uma crescente influência e um grande apoio popular aos partidos populistas de direita na Europa.

O autor revela que os partidos populistas que tiveram um crescimento expressivo nos anos recentes obtiveram influência a partir da crise financeira de 2018. No entanto, ao analisar o discurso desses atores, Ponce (2018) percebe que elementos materialistas relacionados à crise não são o enfoque principal, em vez disso, a defesa de posições mais duras quanto à imigração de pessoas do Oriente Médio tomou frente.

O discurso baseia-se principalmente no argumento, já explorado por Inglehart e Norris (2016), de que essas pessoas são responsáveis por tirar oportunidades dos nativos e, portanto, são a causa dos impactos maiores da crise econômica. incentiva-se e mobiliza-se o sentimento anti-imigração.

Nesse sentido, Ponce (2018) busca compreender o uso da linguagem e do discurso para o convencimento, a partir de autodefinição e autorrevelação, das finalidades de persuasão ao eleitorado e de suas preferências. O avanço do populismo se deu de tal forma que a imigração do Oriente Médio cresceu acompanhando a relevância de atores populistas. Da mesma forma, a xenofobia e a islamofobia avançaram consideravelmente na Europa conforme esses atores utilizavam desse discurso para se projetar politicamente.

Existe, portanto, uma “linguagem populista” construída sob medida para captar o sentimento anti-imigração no eleitorado. Ponce (2018) aponta que os partidos que mais geraram engajamento na Europa nos últimos 30 anos foram partidos populistas de direita, e que, para os eleitores desses partidos, a imigração é um problema central, ao qual os outros atores se recusam a apresentar soluções. Para Ponce (2018), essa é a explicação para o fim do poder compartilhado entre os partidos de centro, centro-esquerda e centro-direita, que dominaram o cenário político europeu no pós-guerra e perderam boa parte da sua relevância para a direita populista.

Em termos econômicos, o autor sugere que partidos já estabelecidos encontraram seu lugar representando os “vencedores” do processo de globalização e deixaram perdedores de fora. Os partidos populistas de direita capitalizaram nessa lacuna representativa e cresceram nos espaços que os partidos tradicionais abandonaram. Igualmente, o sentimento de abandono gerou facilitado-

res para que essa parte da população se identificasse com o discurso *antiestablishment* trazido pelos populistas, bem como os elementos eurocéticos e anti-imigratórios.

De acordo com o autor, “O populismo é um estilo particular de comunicação política” (Ponce, 2018. p. 5), que se conecta com parte da população por meio de um discurso maniqueísta que opõe setores vulneráveis da sociedade, de um lado, os trabalhadores de classe mais baixa, que se viram abandonados pela esquerda pós-materialista (Inglehart e Norris, 2016), do outro, as minorias que se viram brevemente representadas nesses atores.

CONCLUSÃO

O debate sobre o populismo na Europa demonstra que a narrativa de uma “explosão populista” carece de base empírica uniforme. Estudos, como os de Bartels (2023), revelam que o populismo é um fenômeno complexo e multifacetado, moldado por fatores econômicos, culturais e políticos, cujas implicações variam conforme o contexto. Em vez de representar uma tendência homogênea ou uma resposta singular à crise democrática, o populismo se manifesta como uma resposta adaptável a sentimentos de insatisfação e abandono, especialmente entre grupos que percebem a globalização e as elites cosmopolitas como ameaças à sua identidade e aos seus interesses.

Enquanto Bartels destaca o papel das elites políticas na mobilização estratégica do sentimento populista, Inglehart e Norris (2016) apontam que a competição eleitoral deixou de ser exclusivamente econômica para se concentrar em pautas culturais. O avanço dos valores pós-materialistas, liderado por partidos social-liberais, gerou uma reação conservadora que alimenta a base do populismo de direita. Essa reação reflete a percepção de exclusão por parte de setores que não se identificam com as agendas progressistas, levando à emergência de discursos anti-imigração, eurocéticos e nativistas.

Além disso, a análise de Ponce (2018) reforça a centralidade do discurso populista na captura de sentimentos anti-imigração e *antiestablishment*. Partidos de direita populista ocupam o espaço deixado pelos partidos tradicionais, que priorizaram agendas pós-materialistas e negligenciaram a representação de segmentos vulneráveis. Essa lacuna permitiu que o populismo de direita se consolidasse como uma força política significativa, apesar das variações no apoio eleitoral e na relevância de suas pautas em diferentes países.

A ideia de que o populismo é impulsionado exclusivamente por crises econômicas é questionada tanto por Bartels quanto por Inglehart e Norris. Embora fatores econômicos possam atuar como gatilhos em certos contextos, a principal força motriz do populismo está na percepção de ameaça cultural e na insatisfação com a responsividade das elites políticas. Isso explica por que, mesmo países com bons indicadores econômicos, como os nórdicos, apresentam apoio considerável ao populismo de direita.

A ascensão populista, portanto, não é um fenômeno unicamente gerado pela demanda popular. Em muitos casos, é o resultado de uma oferta política estrategicamente moldada por elites, que exploram ansiedades culturais e econômicas para obter capital eleitoral. Nesse sentido, o populismo atua como um reflexo das transformações sociopolíticas e das limitações dos sistemas democráticos, funcionando tanto como uma crítica ao status quo quanto como uma oportunidade de renovação política.

Além disso, é necessário buscar outras chaves explicativas para o fenômeno do populismo, visto que, pelo exposto, o fenômeno não pode ser explicado unicamente analisando a demanda por

parte dos eleitores, é preciso se debruçar, também, sobre a oferta, por parte dos partidos políticos. A análise da linguagem populista, da qual falamos brevemente, também é estritamente necessária para compreender o fenômeno, uma vez que é por meio dela que a oferta e demanda se relacionam no contexto político.

REFERÊNCIAS

BARTELS, Larry. *Democracy erodes from the top: leaders, citizens, and the challenge of populism in Europe*. Princeton: Princeton University Press, 2023. v. 40. Capítulo 6.

INGLEHART, R.; NORRIS, P. *Trump, Brexit, and the rise of populism*. 2016.

MUDDE, C. *The populist Zeitgeist*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

Mudde C, Rovira Kaltwasser C. *Exclusionary vs. Inclusionary Populism: Comparing Contemporary Europe and Latin America*. *Government and Opposition*. 2013;48(2):147-174. doi:10.1017/gov.2012.11

PONCE, M. *Populismo, lenguaje y representación (Populism, Language, and Representation)*, 2018. Disponível em: <https://ssrn.com/abstract=3286002> or <http://dx.doi.org/10.2139/ssrn.3286002>

WVS Database. Disponível em: <<https://www.worldvaluessurvey.org/wvs.jsp>>. Acesso em: 7 nov. 2024.